

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades



Atena
Editora
Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlundo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Letras: representações, construções e textualidades

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L649 Letras: representações, construções e textualidades /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-184-5
DOI 10.22533/at.ed.845210706

1. Letras. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de
(Organizador). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS: REPRESENTAÇÕES, CONSTRUÇÕES E TEXTUALIDADES**, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; estudos em adaptação e tradução; e outras temáticas.

Estudos literários traz análises sobre identidade cultural, memória, resistência, feminino, ecocrítica, cultura, regionalismo, história, poesia, prosa, turismo e literatura.

Em estudos em adaptação e tradução são verificadas contribuições que versam sobre literatura e teatro, além de mitologia andina.

Outras temáticas congrega estudos sobre arquitetura do espaço escolar e sociologia das ausências.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
IDENTIDADE CULTURAL EM TRÂNSITO: UM OLHAR A PARTIR DO CONTO “RÉPLICA” DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Maria do Socorro Souza Silva Maria Lidiana Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8452107061	
CAPÍTULO 2	13
LITERATURA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: APROXIMAÇÕES ENTRE CONCEIÇÃO EVARISTO E MÁRCIA KAMBEBA	
Lívia Verena Cunha do Rosário	
DOI 10.22533/at.ed.8452107062	
CAPÍTULO 3	25
O CONCEITO DE RESISTÊNCIA PRESENTE NO CONTO <i>ANACONDA</i> , DE HORÁCIO QUIROGA: UMA ANÁLISE DA LITERATURA LATINA SOB O VIÉS DO PÓS-COLONIALISMO	
Geovani Augusto Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.8452107063	
CAPÍTULO 4	32
“LOS CONVIDADOS DE AGOSTO”: SIMBOLISMO Y TRANSGRESIÓN FEMENINA	
Karina Reis de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8452107064	
CAPÍTULO 5	37
A VISÃO ECOCRÍTICA DE MIYAZAKI EM PRINCESA MONONOKE	
Nicole Torres Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.8452107065	
CAPÍTULO 6	51
DISCURSO E IDEOLOGIA EM ANGÚSTIA: UMA BREVE ANÁLISE	
Larissa Xavier de Oliveira Maria de Lourdes Rossi Remenche	
DOI 10.22533/at.ed.8452107066	
CAPÍTULO 7	62
ALENCAR CULTURA E IDENTIDADE EM <i>TIL</i> : UMA ABORDAGEM DISCURSIVA	
Micheline Tacia de Brito Padovani	
DOI 10.22533/at.ed.8452107067	
CAPÍTULO 8	73
O REGIONALISMO REVISITADO NA AMAZÔNIA: BELÉM DO GRÃO PARÁ E DOIS IRMÃOS	
Damaris de Souza Silva	

Veronica Prudente Costa
Rosidelma Pereira Fraga
DOI 10.22533/at.ed.8452107068

CAPÍTULO 9..... 89

SAMBAÍBA DESCREVE AS VIVÊNCIAS DO SERTÃO PIAUIENSE: FONTES IBIAPINA À LUZ DAS TEORIAS DE LUKÁCS E BENJAMIN

Layane Rodrigues dos Santos
Raimunda Celestina Mendes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.8452107069

CAPÍTULO 10..... 101

MISÉRIA E “MAU GOSTO” EM RODOLFO TEÓFILO E LUÍS ROMANO

João Luiz Xavier Castaldi

DOI 10.22533/at.ed.84521070610

CAPÍTULO 11 112

PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO: LITERATURA E HISTÓRIA DO SÉCULO XIX

Tamara Cecília Rangel Gomes
Ethmar Vieira de Andrade Filho

DOI 10.22533/at.ed.84521070611

CAPÍTULO 12..... 116

DIZER O INDIZÍVEL: OS NEGROS E A ESCRAVIDÃO NO DISCURSO DE VIAJANTES ARGENTINOS AO BRASIL

Lyanna Costa Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.84521070612

CAPÍTULO 13..... 128

FUTEBOL, POLÍTICA E CULTURA NO CONTO “JÁ PODEIS DA PÁTRIA FILHOS”, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Lucas Santana Viana Pontes

DOI 10.22533/at.ed.84521070613

CAPÍTULO 14..... 136

SOB A PELE DAS PALAVRAS: ANÁLISE DE UM POEMA DE MICHELINY VERUNSCHK

Natália Tano Portela
Danilo Santos Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.84521070614

CAPÍTULO 15..... 143

O DIÁLOGO INTERTEXTUAL IMPLÍCITO EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Igor Azevedo Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.84521070615

CAPÍTULO 16	158
TURISMO E LITERATURA: A EXPERIÊNCIA PORTUGUESA	
Eva Maria Marques Milheiro	
DOI 10.22533/at.ed.84521070616	
CAPÍTULO 17	169
A ADAPTAÇÃO TEATRAL: EFEITOS DE SENTIDO DA OBRA LITERÁRIA NO TEXTO DRAMÁTICO	
Maria Clara da Costa Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.84521070617	
CAPÍTULO 18	184
TRADUÇÃO COMENTADA DA MITOLOGIA ANDINA “URSO RAPTOR” DIALOGANDO COM BELÉN	
Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.84521070618	
CAPÍTULO 19	193
DO CONCEITO DE ESPAÇO: UMA REFLEXÃO A CERCA DA ARQUITETURA DO ESPAÇO ESCOLAR	
Francisca Rodrigues Lopes	
Marcos Rafael Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.84521070619	
CAPÍTULO 20	205
A SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS DE SANTOS E A CEGUEIRA DOS SABERES DE MORIN PELO VIÉS DOS REGIMES DE INTERAÇÃO DE LANDOWSKI	
Wiliana Carneiro Carvalho	
Noelma Oliveira Barbosa	
Bruno Gomes Pereira	
Juscelino Laurindo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.84521070620	
SOBRE O ORGANIZADOR	220
ÍNDICE REMISSIVO	221

A VISÃO ECOCRÍTICA DE MIYAZAKI EM PRINCESA MONONOKE

Data de aceite: 01/06/2021

Data de submissão: 06/03/2021

Nicole Torres Pacheco

Universidade Federal do Paraná, Departamento
de línguas estrangeiras modernas.

Curitiba - Paraná

<http://lattes.cnpq.br/3839422155723293>

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo analisar as características ecocríticas do diretor de animação Hayao Miyazaki e pontuá-las dentro do filme Princesa Mononoke (1997), de sua autoria. O interesse na pesquisa se deu por meio da participação da aluna no evento de extensão “Três encontros ecocríticos”, ministrado pelo professor Klaus Eggensperger, em 2017. A metodologia utilizada foi a de revisão bibliográfica e teve como resultado uma profunda análise da animação, mas também de questões da ecocrítica e da gestão ambiental que norteiam a área de estudo e muitas das grandes discussões atuais. Tais questões e reflexões, que filme e estudo promoveram, foram estudadas e discutidas no Grupo de Estudos Ecocríticos (GECO) do qual a aluna participa. Por fim, foi possível apreender também ideologias e problemáticas comuns em outras animações de Miyazaki, traçando um paralelo entre a cultura japonesa e ocidental. Portanto, tal projeto foi de grande importância para o desenvolvimento de um senso crítico ambiental por parte da aluna, e para produção de mais uma pesquisa dentro dos

estudos ecocríticos.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura japonesa; Ecocrítica; Miyazaki; Princesa Mononoke.

MIYAZAKI'S ECOCRITICISM IN PRINCESS MONONOKE

ABSTRACT: This work aims to analyze the ecocritic aspects of animation director Hayao Miyazaki, using Princess Mononoke (1997) as a study subject. The research began in 2017, under the orientation of professor Klaus Eggensperger in the undergraduate research program of UFPR (Federal University of Paraná). The main methodologic technique was an intensive bibliography review on the topics of animation, Japanese culture and history, ecocriticism, and environmental management. These issues, in relation to the subject, were discussed in the GECO (Ecocritics Study Group), a study group with members of UTFPR (Federal University of Technology – Parana) and UFPR, including professor Eggensperger. The results of this study provide an ecocritical and cultural parallel between Japan and occident, which culminates in a deepened ecocritical sense about a “child” filmstrip.

KEYWORDS: Japanese culture; Ecocritics; Miyazaki; Princess Mononoke.

1 | INTRODUÇÃO

O tema da pesquisa se baseia em um ponto de vista ecocrítico para estudar a linha de pensamento de Hayao Miyazaki, criador do estúdio de animação Ghibli, com atenção

especial para o filme Princesa Mononoke uma vez que o enredo da animação é totalmente voltado para as problemáticas ambientais. A motivação da pesquisa se deu, primeiramente, pelo interesse da aluna no diretor e cultura japonesa. Depois da participação de um evento de extensão chamado “Três Encontros Ecocríticos”, houve a maturação da ideia de estudar uma animação de Miyazaki sob este viés. A animação escolhida foi Princesa Mononoke em razão de sua narrativa já voltada para as questões ambientais. Portanto, o objetivo do trabalho é estudar as principais ideias ambientais do estúdio Ghibli e pontuá-los dentro de Princesa Mononoke como forma de aprofundar as reflexões sobre este filme.

2 | REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Ecocrítica e a natureza no Japão

Antes de tratar de Miyazaki e da animação de escolha é preciso discorrer sobre os conceitos ecocríticos que serão utilizados na análise, e também sobre a percepção da natureza na cultura japonesa.

Resumidamente, pode-se definir a ecocrítica como o campo de estudo da natureza em obras literárias. Ela está intimamente conectada com o movimento ambientalista e seus desdobramentos, porém só está se consolidando como campo de estudos atualmente, sob a grande área do *environmental studies*. Mais além, a ecocrítica se utiliza do conhecimento científico de diversas áreas para teorizar e caracterizar a presença do natural. Por essa razão se faz necessário conhecer o como o conceito de natureza se dá na sociedade japonesa, para então compreender e relacionar diversos aspectos ecocríticos de Princesa Mononke.

Um dos pontos da cultura japonesa que mais chama a atenção e contrasta com o ocidente é a natureza. Porém não necessariamente o significado da palavra, mas sim a relação que os japoneses estabelecem com ela.

É fato que a relação do homem e da natureza tomou forma com a religião, e foi esta que condicionou - e ainda o faz – essa relação. No caso do ocidente, o cristianismo coloca a natureza numa posição inferior. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, por isso somos os únicos seres do planeta a possuir a cultura. Isso faz com que o papel da natureza seja exclusivamente prover nossas necessidades.

Mais tarde, essas ideias ganharam espaço na filosofia. No iluminismo francês o mundo natural passou a ser entendido como uma máquina, cujo os funcionamentos lógicos e racionais deveriam ser estudados e utilizados pelo homem.

No Japão, entretanto, a religião propunha uma relação diferente com a natureza. Desde sua primeira religião, o xintoísmo, o Japão desenvolveu um profundo senso de harmonia com o natural. Suas forças eram respeitadas de modo que o povo japonês, assim como as outras criaturas, deveria se esforçar para manter a harmonia dentro de um sistema do qual fazia parte. Mas tarde com a chegada do taoísmo e do budismo, esse princípio

básico passou por ressignificações, mas permaneceu no cerne das atividades artísticas nipônicas.

2.1.1 Budismo, xintoísmo e taoísmo

A primeira religião japonesa foi o xintoísmo. Sua etimologia significa “caminho divino” e sua prática e significado está ligado às diversas formas de se relacionar com o divino. Por esse motivo se trata de uma religião inclusiva, que mesmo sem um fundador ou textos sagrados prega uma ideologia de adoração e rituais de fácil identificação com outras religiões, razão essa que promoveu o grande sincretismo espiritual que permeia a sociedade japonesa. Essa religião politeísta associa suas múltiplas divindades a elementos e fenômenos naturais, ou seja, segundo a visão xintoísta pedras, rios, árvores e afins possuíam suas próprias entidades. Com um mundo espiritual tão diverso e diretamente ligado à natureza, os primórdios do relacionamento homem e natureza dos japoneses já possuía uma consciência ligada aos elementos naturais.

O budismo e o taoísmo foram as religiões com uma visão tão profunda quanto o xintoísmo sobre a natureza que chegaram ao Japão. Ambas destacavam a importância da harmonia com o mundo natural e trouxeram outras visões sobre que enriqueceram o imaginário acerca do natural dos japoneses. O budismo, mais tarde embasando o desenvolvimento do zen, trouxe a ideia de harmonia que propunha uma coexistência com o mundo natural, de modo a influenciar as artes clássicas japonesas posteriormente. A maioria das artes japonesas são voltadas a seguir o fluxo da natureza e apreciá-la, por exemplo a cerimônia do chá que possui um procedimento específico para cada estação do ano.

As religiões chinesas trouxeram a ideia de pertencimento do ciclo natural, colocando o homem como “filho” da natureza. Tal ideia também corrobora com a ideia central de artes como a cerimônia do chá. Através do confucionismo a ideia de harmonia com a natureza também foi reinterpretada para a valorização da harmonia familiar, onde as gerações mais velhas são respeitadas como a figura de mais saber do núcleo familiar.

É possível perceber que tais ideias não permanecem somente no âmbito religioso ou no imaginário natural dos japoneses. A vida espiritual da maioria dessas pessoas é uma miscelânea das religiões desenvolvidas no Japão.

2.1.2 Os ainu

Os ainu são o único povo indígena do Japão. Residentes da Região norte do país desde muito tempo, seu papel no imaginário da natureza é significativo. Devido a um sincretismo do povo ainu com os japoneses, muitas das práticas religiosas de ambos são similares. Porém o que mais interessa numa abordagem sobre a natureza é que a semelhança mais marcante se trata da questão do politeísmo.

Os ainu acreditam que todos os objetos e, principalmente, a natureza possuem deuses. Esses deuses vivem num plano diferente do plano humano e se relacionam com os homens numa hierarquia “ser celestial e homem” um pouco diferente da qual o ocidente está acostumado.

Apesar desses deuses serem cultuados como provedores - de alimento, serviços, fortuna, entre outros -, também são passíveis de errar, abrindo a possibilidade de negociação. O que é interessante sobre essa negociação é que ela proporciona um papel mais ativo da natureza na vida dos ainu. A natureza provedora ganha um papel ativo de negociação com os homens e isso concede a essas entidades o respeito como igual.

2.1.3 Natureza e a literatura japonesa

No início do desenvolvimento da literatura no Japão o conceito de natureza era mais próximo e influenciado pelo presente na cultura ainu, como pode-se observar em obras como o Kojiki,

Um pouco mais tarde, as estações se tornaram a manifestação mais frequente da natureza no âmbito literário e artístico. Por se tratar de um fenômeno natural cíclico e de fácil observação, as quatro estações ganharam um lugar especial nas interpretações artísticas dos mais variados gêneros. Como exemplo marcante na literatura tem-se os haiku e fora dela a cerimônia do chá.

A característica cíclica por sua vez, tem presença em incontáveis aspectos da vida japonesa. A começar pelo conceito de harmonia e de bem e mal vindos da China, o yin e yang. Nas histórias dos mais diversos meios semióticos, a interdependência do bem e do mal gera um ciclo harmonioso que nunca tem fim, tal característica pode ser observada desde contos antigos até gêneros populares como o mangá e o anime.

Porém, a partir da era Meiji a natureza foi ressignificada na literatura. O movimento do realismo japonês que propunha como cerne da arte da escrita a representação do homem, da psique e do espírito, proporcionou primeiramente uma visão de natureza muito próxima da ocidental. Nesse dado momento, a natureza - a paisagem, o ambiente -, foi colocada como elemento oposto ao espírito humano.

Contudo não demorou muito para que o oposto fosse validado. Nakagawa (2017) explica que foi notada a influência que o ambiente tem sobre o humano – principalmente sobre o japonês, dada sua história. A partir disso, a ideia de que o espírito coexiste com a natureza, e vice-versa, foi enraizada. Todavia, os estudos ecocríticos só entraram em cena no país posteriormente.

2.2 O estúdio Ghibli e Miyazaki

Ghibli é um estúdio de animação criado em 1985 por Hayao Miyazaki, Isao Takahata, Toshio Suzuki e Yasuyoshi Tokuma, sendo Hayao Miyazaki seu principal diretor. Famoso por suas animações com temáticas complexas e pelo uso fiel das técnicas tradicionais de

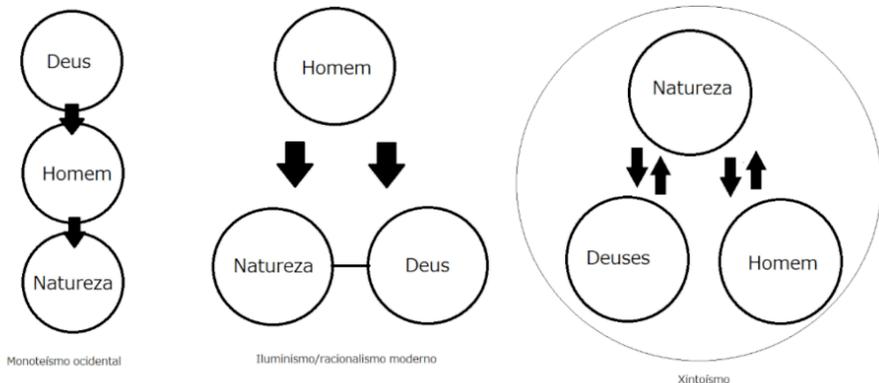
animação, Ghibli ganhou notoriedade mundial com seus filmes. Outra característica de Miyazaki na maioria dos filmes é a natureza, isso devido a sua própria posição ambientalista que, apesar de não transparecer em seu trabalho, busca sempre provocar reflexões sobre este tema no espectador.

Para tal propósito, valores xintoístas sobre a natureza são usados frequentemente, em especial o animismo.

O animismo, em termos gerais e comuns a todas às suas ressignificações ao longo do tempo, se refere à crença em seres espirituais e constitui o primeiro estágio das religiões organizadas. Inicialmente tido como termo pejorativo por ser ligado ao primitivismo – quando este também é tido com um significado negativo –, atualmente se trata de um termo cunhado por estudiosos num sentido mais amplo que o primeiro apresentado; a partir do século XXI, o animismo começou a ser utilizado para diferenciar nações ou sociedades entre si, enquanto emprega em seu sentido conotações normativas das mesmas. Partindo dessa premissa, pode-se pensar num animismo japonês.

Assim como na literatura japonesa, o primitivismo referente à natureza não chegou a se consolidar como termo negativo. Ao contrário, segundo acadêmicos japoneses, esse animismo primitivo é desejado e seria o fator que tanto distancia Japão e ocidente culturalmente. O animismo japonês tem raiz na primeira religião japonesa, o xintoísmo. Assim sendo, pode ser definido como a crença que animais, plantas e corpos inorgânicos têm um espírito diretamente relacionado com os humanos. Também é fato que o animismo japonês está relativamente melhor preservado na cultura ainu ainda existente e na dos japoneses periféricos do arquipélago de Ryushu.

O xintoísmo pode se caracterizar como toda prática religiosa composta de costumes de adoração a um ou mais deuses. Por esse motivo, abrange uma prática constituinte de uma instituição, organização ou comunidade tanto quanto um conjunto de ideias, práticas e jeitos de se fazer coisas diversas incorporados somente na vida diária, sem a necessidade de uma adoração religiosa nos termos ocidentais. É por isso que não há divindades banais ou aleatórias dentro do xintoísmo, todas representam uma ideia, fenômeno ou prática que corresponde a uma ação espiritualizada. São essas peculiaridades e subjetividades da cultura japonesa que, quando utilizadas por Miyazaki, conferem um caráter mágico e sensitivo às animações aos olhos dos espectadores ocidentais. As relações entre homem, natureza e divindade(s) pode ser representada no esquema abaixo.



Esquema retirado do texto *Animism inside Japanese animations*, por Mikyung Bak.

2.3 Aspectos técnicos

No geral, as animações japonesas são feitas utilizando a técnica tradicional. Porém não é incomum o uso paralelo de técnicas computadorizadas. Mesmo assim a importância das ilustrações à mão é valorizada.

No caso específico do Studio Ghibli, o papel criativo do artista tem muito mais peso, fazendo assim com que haja mais restrições quanto ao uso de técnicas digitais. Esse modo de animar é uma das principais marcas dos trabalhos com o selo Ghibli. A política do Studio é a de que técnicas computadorizadas não devem comprometer ou tirar a atenção do trabalho artístico à mão. Este recurso é usado como um dos meios de composição de imagem, sendo recorrido em casos de limitações no uso da animação em células ou para adiantar alguns processos. De fato, a coexistência das técnicas de animação tradicionais e modernas faz parte do cerne da filosofia do Ghibli e, convenientemente, é essa qualidade que justifica tamanho sucesso.

Contudo essa coexistência de técnicas dentro do Studio Ghibli se deu de maneira progressiva e não se mostra uma constante. Embora em *A Viagem de Chihiro* (2001) o CGI tenha sido usado para dar mais efeitos à água, em *Ponyo* (2008), animação onde o mar é um cenário recorrente, foi produzido inteiramente em 2D. *Ponyo* é uma animação destacada pela complexidade da animação da água sem utilizar técnicas digitais. Sob essa ocorrência é correto afirmar que os artistas do estúdio sentem a necessidade de trabalhar com o modo mais clássico de produção. A diferença das duas animações, no que se refere aos aspectos técnicos da água, pode ser observada abaixo.

Outros exemplos da integração do 2D com o CGI estão em *A Viagem de Chihiro*. Na cena em que a personagem principal e Haku caminham entre arbustos de rosas foi usada uma técnica de movimentação de câmera realizada em computador. Essa cena belíssima mostra a maestria com que o estúdio concilia as duas técnicas.

Outra característica marcante do Studio Ghibli é, inegavelmente, a estética do diretor Hayao Miyazaki. Os temas recorrentes presentes em seus filmes têm quase sempre um grau de semelhança com o relacionamento do ser humano com a natureza, tecnologia, sobrenatural e até mesmo o espiritual. Tudo isso direcionado às crianças.

Eu acredito que as almas das crianças são herdeiras da memória histórica da geração passada. Quando elas crescem e experimentam o dia a dia do mundo atual essa memória se enfraquece. Eu sinto que preciso fazer um filme que se aprofunde nesse nível. Se pudesse fazer isso, morreria feliz. (Brooks, 2005)¹

Porém, antes de se aprofundar nessa temática é preciso pensar em como se percebe a realidade pois é essa percepção que está intimamente ligada com o processo criativo e com a apreciação do mesmo. Os sentidos empíricos é o que caracteriza o primeiro nível da percepção, em seguida os outros níveis são subjetivos e são os responsáveis pela geração de ideias. A técnica e a tecnologia é o que possibilita a realização dessas ideias.

Um dos níveis secundários da percepção é a interpretação da realidade com a qual o indivíduo tem contato. Ela ocorre inconscientemente e independentemente. A interpretação também está ligada à imaginação, que é o principal mecanismo dos trabalhos criativos. Especialmente em animações, a função semiótica da imaginação é percebida pelo espectador e expressada pelo artista. Isto considerando a imaginação no sentido de um recurso nostálgico da infância intimamente ligado a imagens, que é a concepção do termo mais familiar.

A animação começa quando alguém deseja representar e capturar o mundo físico mais vividamente, ou com o desejo de expressar o mundo da imaginação em imagens. Obviamente esse ponto inicial é comum a todas as atividades artísticas, e para fazer filmes em particular. Além disso, a grande diferença entre animação e outros modos de fazer filmes é que para criar um mundo de movimento o animador precisa empreender um enorme trabalho intenso de desenhar cada coisa a mão. Goro Miyazaki, Studio Ghibli Director.²

Segundo Bin Yee Ang (2013), a imaginação no contexto do animador - e do Studio Ghibli - é pensar no verossímil de uma realidade construída que envolve artista e espectador numa espécie de acordo, onde quem assiste aceita a realidade apresentada pela animação. E a estética característica de Miyazaki se consolida justamente no modo como são produzidas as realidades dos filmes. As produções desse autor apresentam uma grande quantidade de detalhes; nos personagens, nos *backgrounds*, na narrativa, nas cores, nas ações e em toda a composição do produto final de forma geral.

1 Tradução livre. "I believe that children's souls are the inheritors of historical memory from previous generations. It's just that when they grow older and experience the everyday world that memory sinks lower and lower. I feel I need to make a film that reaches down to that level. If I could do that, I would die happy." (Brooks, 2005)

2 Tradução livre. "Animation began with people's desire to more vividly capture and depict the physical world, or the desire to put into pictures the world of imagination. Of course, this starting point is common for all artistic activities, and for filmmaking in particular. Yet, the big difference between animation and other kinds of filmmaking is that to create a world of motion, one needs to undertake the enormously labour-intensive task of drawing every single thing by hand". Goro Miyazaki, Studio Ghibli Director.

Diferentemente da maioria das animações, todos os elementos das cenas são pensados e intencionados. Como os figurantes que encaram a personagem Kiki: eles possuem roupas diferentes, cores e cortes de cabelo distintos, variação na altura e acessórios. Os prédios mais distantes possuem janelas, arquiteturas diversas; há árvores e até mesmo uma torre no prédio em último plano, após a ponte.

Todos esses detalhes tornam as produções envolventes e intrigantes. Faz com que o espectador consiga se perguntar sobre as possíveis histórias não contadas do universo apresentado. Porém esse cuidado também existe com os personagens principais de cada história. Cada protagonista tem um design e cores marcantes, apesar de serem desenhados para não parecerem tão diferentes dos personagens menos importantes, uma vez que todos integram o mesmo mundo.

Em resumo, a estética do Studio Ghibli é detalhista dentro da estética própria de cada produção. Isso ocorre de tal forma que até mesmo os mundos sobrenaturais parecem ter uma lógica interna. Tudo isso é reforçado porque até mesmo as ações dos filmes não acontecem somente para propósitos de avanço narrativo, mas também para caracterizar o ambiente e as pessoas.

Um exemplo é uma cena de *A Viagem de Chihiro*, onde Chihiro simplesmente calça os sapatos. Como ela se encontra apressada, não coloca as meias. A animação também a mostra arrumando a parte de trás do calçado e depois o batendo no chão com a ponta para verificar se está bem encaixado. Essa cena transmite uma determinação da personagem que não havia no começo da trama. Além de mostrar sua pressa, essa cena transmite a certeza recém adquirida de Chihiro quando ela verifica o encaixe dos tênis para que isso não a incomode enquanto ela resolve os conflitos da história a que foi submetida.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Princesa Mononoke, ou Mononoke Hime, é um filme de produzido em 1997 pelo estúdio de animação japonês Ghibli, dirigido por Hayao Miyazaki. Se trata da história do príncipe de um pequeno vilarejo que é amaldiçoado à morte ao se encontrar com uma entidade maligna na forma de javali. Ao aceitar a jornada de procurar por uma cura, ele se envolve numa guerra entre uma floresta e uma colônia de mineradores.

No início da animação o protagonista e sua vila são apresentados. Ashitaka é o príncipe dos últimos emishi, que compõe o vilarejo. Esse povo é até o momento tido como percussores dos ainu. O termo, na verdade, se referia a região norte do Japão e esses povos nativos eram constituídos por vários outros de característica tribal. Conforme o Japão começou a se desenvolver e desejar expandir seu território, algumas dessas tribos se juntaram a favor, porém os povos contra a expansão territorial formaram uma resistência desafiadora. É característica desse povo sua luta utilizando cavalos, o que trazia grande vantagem contra as armas de fogo que o lado japonês começava a utilizar. Neste ponto,

a presença dessas informações, os emishi e armas de fogo, contextualiza a história num Japão em meados do século IX.

Quando seu povo é atacado pelo *tatarigami* (deus amaldiçoado) Nago, Ashitaka o mata, porém adquire a maldição. É claro desde o começo da animação que Nago está amaldiçoado por um ódio profundo, fato importante que permite uma reflexão sobre o desenrolar dos fatos e o poder do ódio.

Ashitaka descobre estar amaldiçoado à morte pelo ódio de Nago e, sabendo somente que foi uma esfera de metal que o matou, ele é incumbido da tarefa de investigar a causa da maldição do deus javali e, se “observar com os olhos desanuviados³”, poderá salvar a própria vida. Ao ser orientado por Jiko, um monge que o encontra em sua jornada, Ashitaka conhece a floresta dos espíritos, San – a princesa lobo, Lady Eboshi e a Cidade de Ferro.

Na floresta habitam vários espíritos e divindades, como os espíritos das árvores – Kodama, o Grande Espírito da Vida e da Morte, a tribo das divindades lobo, javalis e macacos. As divindades que aparecem na animação, apesar de compartilharem características com o xintoísmo, são criações para a narrativa. Porém, é possível observar tanto divindades de fenômenos como de seres inanimados e animais. O Grande Espírito da Vida e da Morte é a única divindade de um fenômeno, que é o ciclo da vida. Ele não fala e possui duas formas: um cervo durante o dia e um corpo translúcido gigante durante a noite.

Ao conhecer ambos os locais, Ashitaka entende que a floresta está em guerra contra a Cidade de Ferro devido às ações extrativistas da mineradora que estão desmatando o local. Fica claro, então, que Eboshi atirou em Nago e o ódio do mesmo, somado à proximidade da morte, causou o desenvolvimento de sua maldição. Além disso, a Cidade de Ferro também está em conflito com um senhor feudal que está interessado no potencial econômico do lugar.

Um dos elementos narrativos do filme é a jornada do herói, modificada em certas partes. Ashitaka é amaldiçoado e por isso decide partir na jornada da trama, porém diferente do arco de protagonista padrão, o personagem principal assume um papel de mediador. O filme o coloca numa posição onde suas ações não definem o rumo da história. O que mais impressiona é que Ashitaka não “salva o dia”, mesmo fazendo o melhor que pode dentro do conflito.

Outra estrutura narrativa usada de maneira muito inteligente foi a retratação da vila de Ashitaka. Sendo ela um lugar onde as pessoas vivem em comunhão e respeito com natureza, remete ao espectador a imagem de pastoral antiga, tão viva no senso comum. Por isso quando as primeiras cenas acontecem, já se sabe que a obra abordará a natureza. Contudo esse tema será mais explorado posteriormente.

San é o primeiro personagem do conflito que o personagem principal encontra. Ela é mostrada ao espectador como uma mulher agressiva, igual aos animais protetores ameaçados. Criada pela Deusa Lobo da floresta, ela se enxerga como um animal, tendo

³ Fala dita pela xamã dos emishis.

assim a mesma responsabilidade que sua mãe e irmãos. O conflito da imagem de San, uma humana que se enxerga como animal, é responsável por uma das principais questões ambientais do filme: “o quão diferente é o homem do animal?” Justamente por isso é que ela dá nome à animação, ou melhor; por isso que seu pseudônimo nomeia a obra.

Mononoke significa em japonês uma entidade possuidora de seres humanos. San recebe esse apelido dos moradores da Cidade de Ferro pois eles têm dificuldade de aceitar o fato de que uma humana luta junto dos animais e da floresta. A escolha desse nome representa a dificuldade do homem de se identificar com os animais, mesmo que biologicamente sua “animalidade” seja comprovada. Essa imagem de oposição do homem à natureza, herança do iluminismo francês, mais tarde é quebrada para dar lugar a um novo paradigma.

Agora do outro lado do conflito, temos a líder da Cidade de Ferro. Eboshi é apresentada como uma mulher esperta, astuta, bondosa e poderosa. Seu papel feminista está vinculado à sua visão de desenvolvimento. Ela acredita na tecnologia como meio de se alcançar o ápice da humanidade, e sendo uma mulher respeitada por outros líderes da trama (o que é difícil de se imaginar no momento histórico do filme), faz tudo ao seu alcance para buscar o que acredita. Ela dá voz a minoria feminina e leprosa dentro da sociedade humana, o que faz com que o espectador não crie antipatia por ela. Porém percebe-se que seus meios para realizar os objetivos são gananciosos, fazendo com que uma reflexão sobre este pecado capital, e até mesmo o capitalismo, seja levantada.

Voltando ao herói da história e ainda seguindo os parâmetros principais da jornada do herói, a opinião de Ashitaka começa a se desenvolver depois de conhecer as duas personagens acima. Sua maldição lhe proporciona um grande poder; ao usar o braço tocado pela entidade para se defender, Ashitaka acaba realizando golpes extremamente violentos e de efeito grotesco, e isso é proposital. A maldição da entidade é o ódio gerado pelo conflito. A animação, ao inserir uma violência tão explícita, alerta sobre as proporções que o ódio pode tomar.

Por isso, o conselho dado a Ashitaka é o de “olhar com os olhos desanuviados” da raiva para as duas partes do conflito. Ao fazer isso, ele decide usar esse poder maléfico para a paz. Ele acredita que os dois lados são bons, mas que estão também amaldiçoados e corrompidos pelo ódio e cegos por ele.

Após analisar os movimentos dos personagens, é possível chegar a uma conclusão mais concreta sobre a crítica do filme. Inicialmente apresentado assim, esse conflito parece óbvio ao espectador. Porém há uma quebra brusca de expectativa. Uma vez que os dois lados são bons e iguais – são todos seres da natureza, como a identidade de San sugere -, a oposição clássica de homem e natureza é impossível, dando lugar a uma nova: natureza versus tecnologia, tecnologia sendo neste sentido “(...) todo o conjunto de conhecimentos, razões em torno de algo e/ou maneiras de alterar o mundo de forma prática, com o objetivo

de satisfazer às necessidades humanas.”⁴

Uma vez que o desenvolvimento tecnológico é o maior responsável pelo uso nocivo de recursos naturais, é ele – junto da ganância e do ódio – quem realmente prejudica o mundo o natural. Por acreditarem que o homem é superior à natureza, logo opostos, os habitantes da Cidade de Ferro, especialmente Eboshi, justificam os abusos para com ela utilizando-se dessa premissa.

Contudo, a tecnologia é o progresso e sobrevivência do homem, que por sua vez é um ser da natureza. Logo, não é neste aspecto que há culpabilidade. A natureza não é harmoniosa e homem e sua tecnologia fazem parte dessa dinâmica. Toda crise ambiental é também social. O filme apresenta essa interpretação tanto na cidade de ferro, quanto na dinâmica social da floresta.

No final do filme, Eboshi, movida pela ganância e orgulho, mata o Grande Espírito da Vida e da Morte e rouba sua cabeça para Jiko. Este, ao perder a vida, só tem a morte para oferecer e então seu corpo gigante se transforma num limo sugador de vida. As consequências da atitude de Eboshi representam uma advertência ao espectador. Quando apaziguado por Ashitaka e San, a morte do Espírito gera vida e libertação da guerra. Pode-se interpretar a morte dessa divindade, a partir da afirmação de Ashitaka sobre a presença do mesmo na forma das plantas que seu corpo apaziguado originou, como a transição do mundo animista para como conhecemos hoje. Finalmente, pode-se concluir que a tecnologia e o progresso humanos não são condenados; ao invés, há uma condenação da ganância e do ódio. Crises ambientais pedem por soluções adaptativas para ambos os lados.

Os cidadãos restantes da Cidade de Ferro aparecem assistindo ao relato hipifânico de Eboshi sobre os erros que cometera para com a natureza, e então ele promete se dedicar a construção de um mundo melhor para natureza e humanos. Essa solução proposta por Miyazaki é genérica, idealizada e não levanta questionamentos e reflexões; os quais estamos vivenciando hoje. Entretanto, não desmerece as questões levantadas ao longo da narrativa, se caracterizando como uma produção capaz de abordar o tema das crises ambientais com seriedade e profundidade.

Analisando os aspectos técnicos da animação em Princesa Mononoke há alguns pontos importantes para serem tratados, como o design dos personagens, o cenário e sonoplastia.

O design dos personagens principais os torna muito característicos e dizem muito sobre suas próprias personalidades e objetivos. Serão comentados aqui somente os três principais: Sam, Ashitaka e Eboshi.

Sam é uma garota jovem, provavelmente adolescente, que foi criada pela loba Moro e a sua vestimenta reflete isso. Ela usa peles e roupas que permitem alta mobilidade. Além disso, usa acessórios como um colar e brincos de ossos, uma pintura vermelha no rosto e

⁴ Definição retirada do site <<https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-tecnologia/>>.

uma máscara que remete a rituais tribais do início da humanidade. Por sua vez, o aspecto tribal está intimamente ligado a dinâmica social da floresta e a sua característica animista. Suas cores são, basicamente, vermelho, azul escuro e creme. É interessante notar que as peles que Sam usa lembram a pelagem de sua mãe loba, o que mostraria a crença da garota em ser uma loba e não uma humana.

Ashitaka apresenta roupas diferentes por sua origem emishi, antigo povo tribal japonês. Como reflexo disso ele carrega um amuleto que traz proteção, uma touca que lhe permite esconder a identidade e mangas compridas embaixo da tradicional túnica japonesa. As cores que usa são as mesmas de Sam, com variação de tons. O vermelho usado por Ashitaka é mais sóbrio e opaco, porém seus tons de azul são mais claros. Essa aproximação é interessante pois o ambiente em que Ashitaka e Sam viveram contam com a presença forte do animismo e características tribais, Sam mais que Ashitaka.

Eboshi é uma mulher de alto cargo que comanda a Cidade do Ferro e por isso sua vestimenta é diferenciada e um pouco mais completa que a dos outros. Também ela sempre é retratada com um penteado e maquiagem. A túnica que usa é a única estampada, de cores vermelho e amarelo, o que pode sugerir sua força, determinação e empatia. Sua calça e capa também são da cor azul escuro.

É interessante observar que esses três personagens vestem diferentes tons de azul escuro e vermelho. Isso, além de conectá-los numa esfera além da narrativa, também diz um pouco sobre os diferentes graus de características que compartilham. Por exemplo, os três são determinados: Eboshi a conquistar o sucesso, Sam a salvar a floresta e Ashitaka a descobrir uma cura para sua maldição. Contudo, são Sem e Eboshi que se encontram dominadas pelo ódio, o que é expresso na tonalidade vermelha das peças de cada uma e no azul mais escuro que o de Ashitaka. Cor essa que pode ser relacionada ao conflito em que os três estão envolvidos e também na inteligência que apresentam. Por isso também que o tom de vermelho e de azul usados por Ashitaka são mais opacos, já que ele assume uma posição mediadora ao longo do filme.

Se tratando dos cenários, é fundamental comentar sobre a natureza no filme. Primeiramente chama a atenção o modo como a natureza e os animais são apresentados de maneira extremamente realista. Desde as cores, cuja paleta selecionada muda significativamente em relação à natureza dos emishi enfatizando a existência do conflito com tons mais escuros, até a complexa vegetação. A característica mística da floresta é mesclada com a “realidade” com sucesso. O coração místico dela e a cena em que o grande espírito é visto pela primeira vez por Ashitaka - na imagem acima - são exemplos perfeitos.

Na sonoplastia, há um trabalho um tanto inesperado. Mesmo sendo uma animação, há mais momentos com som ambiente e silêncio musical do que normalmente se observa nesse tipo de obra. Isso por sua vez, destaca os momentos mais marcantes com mais intensidade. Há momentos de tensão onde se ouve somente os sons ambientes, como

se a orquestra segurasse a respiração junto do público, e há momentos onde a presença da música enfatiza as cenas decisivas e esperadas pelo espectador. Tudo isso confere ao filme o aspecto maduro e o torna um filme quase que exclusivamente para um público mais preparado.

Quanto a sonoplastia, há um trabalho um tanto inesperado. Mesmo sendo uma animação, há mais momentos com som ambiente e silêncio musical do que normalmente se observa nesse tipo de obra. Isso por sua vez, destaca os momentos mais marcantes com mais intensidade. Há momentos de tensão onde se ouve somente os sons ambientes, como se a orquestra segurasse a respiração junto do público, e há momentos onde a presença da música enfatiza as cenas decisivas e esperadas pelo espectador. Tudo isso confere ao filme o aspecto maduro e o torna um trabalho quase que exclusivamente para um público mais preparado.

4 | CONCLUSÃO

Ao estudar essa obra percebe-se, primeiramente, o quão distantes e próximas estão a cultura japonesa e ocidental no âmbito da natureza e do divino. Há semelhanças inegáveis, como a origem animista e os desdobramentos desta presentes em ambas as sociedades. O que torna esses dois objetos quase que polos é o modo como isso se desenvolveu ao longo dos milênios. Atualmente, há uma grande diferença no que este animismo está presente e como influenciou e influencia o modo de viver de ambas as populações, diferença essa que distingue como se pensa a espiritualidade, a natureza e as crises ambientais.

Embora o as consequências do capitalismo radical que o mundo vivencia – tais como o consumismo, extrativismo, imperialismo e até mesmo o racionalismo – englobe tanto Japão quanto ocidente, fazendo com que os valores tradicionais mencionados tenham pouca ou nenhuma relevância para a resolução de problemas ambientais, ainda é possível se inspirar nas ideias xintoístas para refletir sobre possíveis soluções para salvar o planeta.

Como comentado, é praticamente impossível que as pessoas de hoje sentem-se junto as outras e decidam construir um mundo melhor para a natureza de uma hora para outra como Eboshi faz, contudo o xintoísmo japonês pode sim inspirar uma reeducação a longo prazo, mesmo que para alguns essa questão se detenha ao utilitarismo. Nesse sentido, Princesa Mononoke é e será um filme atual por muito tempo e também extremamente necessário.

REFERÊNCIAS

AINU MUSEUM. **Ainu History and Culture**. 2017. Acesso em: Disponível em: <<http://www.ainu-museum.or.jp/en/study/eng01.html>> Acesso em: 20 de novembro de 2018.

ANG, Bin Yee. **Hayao Miyazaki as Auteur: Techniques, Technology and Aesthetics in Animation**. Londres, Uk. 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/24505389/Hayao_Miyazaki_as_Auteur_Techniques_Technology_and_Aesthetics_in_Animation>. Acesso em: 15 abr. 2019.

GARRARD, G. **Ecocrítica**. Brasília: UnB editora, 2006.

GOSSIN, P. **Animated nature: aesthetics, ethics and empathy in Miyazaki Hayao's ecophilosophy**. Artigo acadêmico – Revista Mechademia. Vol 10. Minnesota, 2012.

HAKOMIRI, K. **Emishi**. 2017. Acesso em: Disponível em: <<http://emishi-ezo.net/index.htm>> Acesso em: 20 de novembro de 2018.

A VIAGEM de Chihiro. Direção de Hayao Miyazaki. Tóquio, Jp: Studio Ghibli, 2001. P&B.

ONO, Sokyō. **Shinto: The Kami Way**. Tóquio: Tuttle Publishing, 1962.

PONYO. Direção de Hayao Miyazaki. Tóquio, Jp: Studio Ghibli, 2008. P&B.

PRINCESA Mononoke. Direção de Hayao Miyazaki. Tóquio, Jp: Studio Ghibli, 1997. P&B.

ROTS, Aike P. Sinto, nature, and ideology in contemporary Japan. Nova Iorque: Bloomsbury Academic, 2017.

TOYODA, O. **Kamo no Chomei's Hojoki as Nature Writing**. Tóquio, 2012.

WRIGHT, Jean Ann. **Animation Writing and Development: From script development to pitch**. Oxford, Uk: Elsevier, 2005. 355 p.

YAMADA, T. **An Anthropology of Animism and Shamanism**. Akadémiai Kiadó: Budapest, 1999.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Andina 184, 185, 189

C

Construções 69, 76, 82

Cultura 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 20, 22, 26, 36, 37, 38, 40, 41, 49, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 94, 100, 117, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 134, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 168, 184, 192, 196, 207, 209, 218, 220

D

Diálogo 5, 9, 65, 113, 143, 144, 145, 146, 147, 152, 153, 159, 191, 204, 205, 206, 209, 214, 215, 216, 217

Discurso 22, 33, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 66, 67, 72, 78, 81, 106, 110, 111, 116, 122, 126, 138, 141, 145, 146, 147, 153, 154, 172, 184, 201, 211, 216, 219

E

Ecocrítica 37, 38, 50, 220

Escravidão 7, 19, 30, 55, 60, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 133

Espaço escolar 193, 195, 196, 198, 202, 203

F

Feminino 15, 36, 69

Futebol 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

H

História 2, 3, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 28, 31, 36, 40, 44, 45, 46, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 62, 67, 71, 73, 74, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 94, 95, 96, 100, 103, 106, 111, 112, 113, 115, 119, 120, 122, 126, 127, 128, 129, 134, 140, 148, 151, 152, 155, 158, 161, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 194, 197, 202, 203, 208, 209

I

Identidade cultural 1, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 14, 68, 71

Ideologia 39, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 126

Intertexto 144, 145

L

Letras 2, 12, 16, 23, 36, 73, 88, 94, 102, 108, 110, 111, 136, 138, 156, 157, 168, 170, 182, 183, 218, 220

Linguística 63, 64, 66, 71, 72, 73, 145, 146, 200, 201, 220

Literatura 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 38, 40, 41, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 78, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 100, 101, 104, 108, 110, 111, 112, 113, 116, 125, 128, 131, 133, 134, 136, 141, 142, 143, 145, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 182, 184, 185, 191, 192, 220

M

Memória 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 43, 51, 53, 54, 57, 60, 61, 74, 81, 86, 87, 93, 97, 146, 158, 160, 164, 167, 192

Miséria 101, 102, 104, 110, 185, 189

Mitologia 184

P

Poesia 13, 122, 136, 138, 140, 141, 142, 185

Política 19, 21, 42, 52, 60, 72, 75, 77, 86, 100, 103, 105, 107, 109, 112, 113, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 178, 179, 192

Portugal 27, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 202, 207

Pós-colonialismo 25, 26, 30

Prosa 24, 65, 141, 182

Prostituição 109, 112, 113, 114

R

Representações 23, 85, 102, 106, 195, 196, 197, 198

Resistência 13, 17, 19, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 44, 77, 189

S

Simbolismo 32

Sociologia das ausências 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 218, 219

T

Teatro 113, 138, 140, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183

Transgressão 9, 32

Turismo 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora

Ano 2021

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



 **Atena**
Editora

Ano 2021